

A obsessão

Os portugueses são dados a obsessões, muitas e variadas.

Não quer isto dizer que vivam obcecados. Pelo contrário; são até atirados para uma descontração que os leva a acreditar, coerentemente, na improvisação e a entregar-se, sem limites, nos seus braços.

Mas, têm o gosto, espontâneo ou cultivado, pela obsessão.

Não será, certamente, um privilégio ou um monopólio lusitano, mas antes uma tendência com sabor de latinidade europeia.

Vejamos:

O português tem a obsessão pelo futebol e pelas conversas de comadres.

A obsessão por não cumprir horários, por chegar atrasado, ou terminar, seja o que for, fora do tempo previsto.

A obsessão por tudo preparar à última hora.

A obsessão pelas historietas de cordel contadas, videogravadas e exportadas por brasileiros.

A obsessão pelo desprezo da coisa pública, que, para ele, português, só diz respeito aos outros e só aos outros obriga.

A obsessão por conduzir mal.

A obsessão por ser simpático e acolhedor para os estrangeiros.

A obsessão pelas lautas comidas.

A obsessão pela desorganização.

Mas a maior das obsessões, a obsessão *prima* e que nos interessa porque personaliza um problema de saúde pública, é a obsessão pela sua saúde, ou melhor, e ao invés, pelos aspectos relativos a falta de saúde. Como os britânicos agora dizem, pela «saúde doente».

Se fosse obsessão pela saúde, vá que não vá, até poderia ser *salutar*, e uma admirável conquista da saúde pública.

Mas não; trata-se de uma obsessão verdadeiramente mórbida, duplamente mórbida, na verdadeira acepção da palavra.

Se o leitor não acredita ou não concorda, experimente, de manhã, em vez de «bom dia», dizer «bom dia, como está?».

O português adora, todo ele vibra e se empenha devotadamente a falar da sua suposta falta de saúde e daqueles que lhe estão mais próximos. O português é um obcecado por falar das doenças e das suas implicações clínicas, quer elas respeitem ao diagnóstico, ao tratamento ou, ainda, à reabilitação.

Basta observar o gosto embevecido e com contornos de masoquismo com que descreve os sintomas e sinais da maleita, anuncia, com orgulho, o número e a variedade de pílulas que lhe foram prescritas, e ingere ou não, levanta a blusa para mostrar a cicatriz, ou entra em competição renhida com o parceiro do lado quanto ao número de *pontos* que «levou» para lhe tratarem a hérnia.

O português lança para cima de nós catadupas de infundáveis discursos, com descrições pormenorizadas, sobre os seus males e envolve-nos como que num *hálito* patológico que nos deixa deprimidos.

Deprimidos e maçados.

O português abomina falar, ou quem fale, de promoção da saúde, de situações e estados saudáveis, da boa saúde.

Trata-se, possivelmente, da manifestação de uma cultura mórbida, de uma apetência insana para o drama, a merecer atenção e estudo.

Trata-se, certamente, de uma postura insalubre e a constituir-se em problema de saúde (mental) pública.

Uma questão, também, com implicações em administração de saúde.

Chama-se a atenção para os programas de educação para a saúde.

Chama-se a atenção dos sociólogos e dos psicólogos da saúde, já que parece haver uma componente comportamental.

Chama-se, igualmente, a atenção dos responsáveis pelas políticas de saúde, dos organizadores de serviços e dos economistas da saúde, já que esta obsessão tem repercussões na procura e no consumo de cuidados médicos, a proporcionar e incentivar cuidados menos apropriados ou mesmo inapropriados.

É uma obsessão com repercussões nos custos da saúde e no absentismo.

Trata-se de um mau hábito; trata-se de um costume perverso; trata-se de um comportamento mórbido.

Mas, porque obsessão colectiva, trata-se, também, de um problema de saúde pública.


